

QUALIDADE DE VIDA DE MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NOS ÚLTIMOS 10 ANOS NO MUNICÍPIO DE BORDA DA MATA – MG

Ingred Maiara Santos Monteiro¹, Marcelo Henrique da Silva², Rafaella Andrade Vilas Boas³ Orientadora Grazieli Miranda Siqueira Dandeⁿ

Faculdades Integradas ASMEC, Endereço: Dr. Antônio Eufrágio de Tolêdo, 100 - Jardim dos Ipês, Ouro Fino e-mail: asmec@asmec.br

Resumo- A violência contra a mulher, em suas mais variadas formas, tornou-se uma problemática atemporal, propagando-se com o passar dos anos e realçando as imposições sociais machistas. A violência doméstica, aquela onde geralmente a vítima está emocionalmente ligada ao agressor, se torna ainda mais agressiva, preocupante e com consequências reais à qualidade de vida das vítimas. O estudo é de abordagem quantitativa, descritiva e transversal, realizado com 240 mulheres com idade entre 15 a 49 anos (média de anos). Entre as entrevistadas, predominou a etnia branca (69,7%), mulheres com ensino médio completo (37,9%), solteiras (64,2%), que trabalham fora (71,7%), sem filhos (57,1%) e sem hábitos viciantes (76,6%). Sobre o tipo de violência sofrida, a maioria das mulheres relatou ter sofrido violência psicológica (n=55), seguido de violência física (n=48) e casos de violência moral (n=32). Conclui-se que a violência contra a mulher tem um imensurável impacto na qualidade de vida dessas mulheres, afetando diretamente e muitas vezes, o seu cotidiano. Por ser um problema acentuado para toda a humanidade, precisam ser discutidos todos os subsídios teóricos e práticos necessários às fundamentações jurídicas, sociais, econômicas e educacionais.

Palavras-chave: Agressão; Feminismo; Violência; Saúde Mental; Psicologia; Trauma.

Área do Conhecimento: Ciências da saúde em saúde da mulher.

Introdução

Violência, do latim, *violentia*, está relacionada ao termo vis, que emprega o uso da força como superioridade ou qualidade. Assim como em sua etimologia, a violência atua com papel de diferenciação, em uma tentativa de definir uma hierarquia ou impor respeito. E através de uma construção histórica, a violência se construiu entre gêneros, moldada à partir da ideia de que é necessário que o gênero masculino se perpetue dominante e, desta forma, afeta as mulheres simplesmente por serem do sexo feminino (ZALUAR, 1999).

A violência doméstica contra a mulher, avinda de seu parceiro ou outro membro familiar, se dá geralmente pela agressão física ou o abuso sexual. Casique et al (2006) já afirmava que das formas mais comuns de violência contra a mulher estão o abuso por parte dos companheiros íntimos e a atividade sexual forçada, ocorrendo tanto na infância, como na adolescência ou na vida adulta.

As consequências da violência, sofrida pela mulher, materializam-se em agravos biológicos, psicológicos, morais e sociais, os quais dificultam sua experiência de viver a igualdade humana e social plenamente (LUCENA et al., 2012).

Assim, com o intuito de investigar a qualidade de vida das vítimas de violência doméstica, o presente estudo indagou, através de questionários, como o Davidson Trauma Scale (DTS) e análise reflexiva das respostas de uma versão adaptada e reduzida da Escala de Bem-estar Psicológico (EBEP), o quanto a agressão propriamente dita pode afetar a qualidade vida dessas mulheres, realçando os impactos à saúde psicológica das mesmas. As informações obtidas foram correlacionadas a fim de compreender melhor como todo esse processo afeta a vítima.

O trabalho teve como propósito investigar quais são as consequências sofridas pelas vítimas de violência doméstica, compreender quais foram os problemas causados por tal agressão e qual foi à influência na qualidade de vida destas.

Metodologia

O estudo é de abordagem quantitativa, descritiva e transversal, aplicado no município de Borda da Mata – MG, o qual tem população total de 18.460 habitantes, sendo deste total, 4.476 mulheres entre 15 a 49 anos, segundo levantamento do SUS de 2019

O critério de inclusão foi pessoas do sexo feminino com idade entre 15 a 49 anos e os critérios

de exclusão foram pessoas do sexo masculino e pessoas do sexo feminino com idade inferior a 15 anos ou superior a 49 anos.

Os questionários foram aplicados de forma presencial às mulheres que aceitarem contribuir com a pesquisa. A amostra foi de 234 mulheres, com grau de confiança de 95% e margem de erro de 5%. O questionário foi entregue após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Para a coleta de dados foram aplicados três questionários, sendo o primeiro um questionário com dados de identificação e informações acerca da agressão. Após este primeiro questionário, foi aplicado uma versão traduzida do Davidson Trauma Scale (DTS), a qual é usada para avaliar a severidade e a frequência dos sintomas em indivíduos expostos a traumas (VIDEIRA, 2018) e uma versão reduzida e adaptada da Escala de Bem-estar Psicológico (EBEP) para uma análise reflexiva da qualidade de vida e do bem-estar das vítimas que relataram já ter sofrido algum tipo de violência doméstica.

Resultados

Participaram da pesquisa 240 mulheres, com faixa etária de 15 a 49 anos, com média de 27 anos.

Os dados sociodemográficos foram divididos entre etnia, escolaridade, estado civil, ocupação, filhos e hábitos viciantes, conforme mostra a Tabela 1.

Tabela 1 – Distribuição das mulheres pesquisadas segundo características. Borda da Mata, 2020.

CARACTERÍSTICAS	N	%
ETNIA		
Branca	167	69,7
Preta	9	3,7
Parda	57	23,7
Indígena	2	0,8
Amarela	5	2,1
Total	240	100,0
ESCOLARIDADE		
Analfabeta	0	0
Lê e Escreve	1	0,4
Ensino Fundamental Incompleto	19	7,9
Ensino Fundamental Completo	12	5
Ensino Médio Incompleto	37	15,4
Ensino Médio Completo	91	37,9
Ensino Superior Incompleto	29	12,1
Ensino Superior Completo	51	21,3

Total	240	100,0
ESTADO CIVIL		
Casada	49	20,4
Solteira	154	64,2
Divorciada	16	6,7
União Estável	20	8,3
Viúva	1	0,4
Total	240	100,0
OCUPAÇÃO		
Trabalha fora	172	71,7
Do lar	27	11,3
Estudante	39	16,2
Sem resposta	2	0,8
Total	240	100,0
FILHOS		
Sim	103	42,9
Não	137	57,1
HÁBITOS		
Tabagismo	27	11,3
Etilismo	23	9,6
Narcóticos	4	1,7
Outros	2	0,8
Nenhum	184	76,6
Total	240	100,0

Fonte: Dados da pesquisa

Entre as entrevistadas, predominou a etnia branca (69,7%), mulheres com ensino médio completo (37,9%), solteiras (64,2%), que trabalham fora (71,7%), sem filhos (57,1%) e sem hábitos viciantes (76,6%).

74 das mulheres entrevistadas relataram ter sofrido algum tipo de agressão e todas aceitaram participar da pesquisa e contribuir respondendo o Questionário: "Escala de Trauma de Davidson".

Foram também documentados os tipos de violência sofrida e qual a relação da vítima com o agressor. Vide Tabela 2.

Tabela 2 – Relação com o agressor e tipo de violência sofrida, Borda da Mata, 2020.

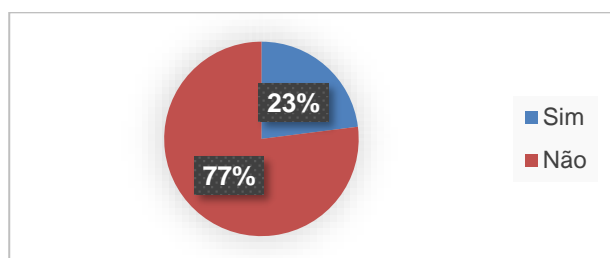
RELAÇÃO COM O AGRESSOR	N
Marido/Namorado	17
Filhos	1
Ex-Marido/Ex-Namorado	32
Pai/Padrasto	17
Irmãos	1
Vizinhos	0
Outros familiares	8
Amigos	1
Outros	15
TIPO DE VIOLÊNCIA	
Física	48
Sexual	19
Psicológica	55
Moral	32
Patrimonial	9

Fonte: Dados da pesquisa

Conforme demonstrado anteriormente, a maioria das agressões foram providas de Ex-Maridos ou Ex-Namorados, 32 casos. Entre os tipos de violência sofrido, predominou a violência psicológica, com 55 casos.

Das 74 mulheres que relataram ter sofrido algum tipo de agressão, apenas 23% (17), relatam ter denunciado.

Gráfico 1 – Relação das mulheres que denunciaram o agressor. Borda da Mata, 2020.



Fonte: Dados da pesquisa

As mulheres que não denunciaram, ainda foram questionadas à respeito do motivo da não-denúncia; 44 dessas mulheres afirmaram ter sido por medo, 10 por ameaças e uma não respondeu.

Também questionadas se anteriormente à denúncia elas já haviam sofrido algum tipo de agressão, 65,5% afirmaram que não e 34,5% relataram que sim. Quando questionadas se essa agressão foi do mesmo agressor da denúncia, 54,5% afirmaram que sim e 45,5% que não.

As 240 mulheres que participaram da pesquisa, também responderam ao Questionário: “Escala de Bem-Estar Psicológico (EBEP)”. Descritos na Tabela 3.

Tabela 3 – ESCALA DE BEM-ESTAR PSICOLÓGICO, BORDA DA MATA, 2020.

Sinto que tenho controle sobre as situações do meu dia-a-dia.		
	N	%
Discordo totalmente	8	3,3
Discordo parcialmente	20	8,3
Discordo pouco	12	5
Concordo pouco	27	11,3
Concordo parcialmente	76	31,7
Concordo totalmente	94	39,1
Sem resposta	3	1,3
Total	240	100,0
Eu não tenho interesse em atividades nas quais possa conhecer coisas novas		
	N	%
Discordo totalmente	158	65,8
Discordo parcialmente	21	8,8
Discordo pouco	8	3,3

Concordo pouco	11	4,6
Concordo parcialmente	18	7,5
Concordo totalmente	22	9,2
Sem resposta	2	0,8
Total	240	100,0

Quando olho para a história da minha vida, fico satisfeito com a maneira como as coisas acontecem.

	N	%
Discordo totalmente	25	10,4
Discordo parcialmente	20	8,3
Discordo pouco	15	6,3
Concordo pouco	23	9,6
Concordo parcialmente	63	26,2
Concordo totalmente	91	37,9
Sem resposta	3	1,3
Total	240	100,0

Manter relações com outras pessoas tem sido difícil e frustrante para mim.

	N	%
Discordo totalmente	120	50
Discordo parcialmente	21	8,8
Discordo pouco	11	4,6
Concordo pouco	34	14,2
Concordo parcialmente	26	10,8
Concordo totalmente	26	10,8
Sem resposta	2	0,8
Total	240	100,0

De forma geral, sinto-me confiante e positivo sobre mim mesmo.

	N	%
Discordo totalmente	22	9,2
Discordo parcialmente	18	7,5
Discordo pouco	4	1,7
Concordo pouco	21	8,8
Concordo parcialmente	57	23,7
Concordo totalmente	116	48,3
Sem resposta	2	0,8
Total	240	100,0

Frequentemente, sinto-me solitário porque tenho poucos amigos íntimos com quem eu posso compartilhar minhas preocupações.

	N	%
Discordo totalmente	97	40,4
Discordo parcialmente	24	10
Discordo pouco	14	5,8
Concordo pouco	20	8,4
Concordo parcialmente	40	16,7
Concordo totalmente	43	17,9
Sem resposta	2	0,8
Total	240	100,0

Muitas vezes me preocupo com o que os outros pensam sobre mim.

	N	%
Discordo totalmente	75	31,2
Discordo parcialmente	20	8,3
Discordo pouco	5	2,1
Concordo pouco	52	21,7
Concordo parcialmente	40	16,7

Concordo totalmente	47	19,6
Sem resposta	1	0,4
Total	240	100,0

Acredito possuir objetivos e propósitos na minha vida.

	N	%
Discordo totalmente	6	2,5
Discordo parcialmente	4	1,7
Discordo pouco	0	0
Concordo pouco	14	5,8
Concordo parcialmente	22	9,2
Concordo totalmente	193	80,4
Sem resposta	1	0,4
Total	240	100,0

Se eu pudesse, mudaria muitas coisas em mim.

	N	%
Discordo totalmente	36	15
Discordo parcialmente	18	7,5
Discordo pouco	9	3,8
Concordo pouco	56	23,3
Concordo parcialmente	61	25,4
Concordo totalmente	59	24,6
Sem resposta	1	0,4
Total	240	100,0

Estar feliz comigo mesmo é mais importante para mim do que a aprovação dos outros.

	N	%
Discordo totalmente	7	2,9
Discordo parcialmente	8	3,3
Discordo pouco	6	2,5
Concordo pouco	14	5,9
Concordo parcialmente	34	14,2
Concordo totalmente	169	70,4
Sem resposta	2	0,8
Total	240	100,0

Eu cometi alguns erros no passado, mas sinto que, no geral, as coisas se resolveram da melhor maneira.

	N	%
Discordo totalmente	16	6,7
Discordo parcialmente	7	2,9
Discordo pouco	8	3,3
Concordo pouco	25	10,4
Concordo parcialmente	61	25,4
Concordo totalmente	121	50,5
Sem resposta	2	0,8
Total	240	100,0

Tenho tido sucesso na busca de atividades e relacionamentos que necessito.

	N	%
Discordo totalmente	16	6,7
Discordo parcialmente	15	6,2
Discordo pouco	9	3,7
Concordo pouco	34	14,2
Concordo parcialmente	67	27,9
Concordo totalmente	95	39,6
Sem resposta	4	1,7
Total	240	100,0

Eu acho difícil me abrir quando eu falo com os outros.

	N	%
Discordo totalmente	58	24,2
Discordo parcialmente	31	12,9
Discordo pouco	15	6,2
Concordo pouco	30	12,5
Concordo parcialmente	47	19,6
Concordo totalmente	58	24,2
Sem resposta	1	0,4
Total	240	100,0

Não estou certo que minha vida tenha algum sentido.

	N	%
Discordo totalmente	170	70,9
Discordo parcialmente	12	5
Discordo pouco	17	7,1
Concordo pouco	13	5,4
Concordo parcialmente	19	7,9
Concordo totalmente	7	2,9
Sem resposta	2	0,8
Total	240	100,0

Fonte: Dados da pesquisa

O Questionário “Escala de Trauma de Davidson” foi aplicado às 74 mulheres que afirmaram ter sofrido algum tipo de violência. O Questionário foi dividido entre “Frequência” e “Gravidade”, conforme Tabela 4 e 5 respectivamente.

Tabela 4 – Escala de Trauma de Davidson - Frequência, Borda da Mata, 2020.

Você teve imagens, memórias ou pensamentos dolorosos sobre o evento?

	N	%
Nenhuma vez	10	13,5
Uma vez	20	27
2 a 3 vezes	18	24,3
4 a 6 vezes	18	24,3
Diariamente	8	10,8
Total	74	100,0

Você teve sonhos perturbadores sobre o evento?

	N	%
Nenhuma vez	32	43,2
Uma vez	17	23
2 a 3 vezes	10	13,5
4 a 6 vezes	8	10,8
Diariamente	7	9,5
Total	74	100,0

Você sentiu como se o evento estivesse ocorrendo de novo? Como se você o estivesse revivendo

	N	%
Nenhuma vez	26	35,1
Uma vez	10	13,5
2 a 3 vezes	21	28,4
4 a 6 vezes	8	10,8

Diariamente	9	12,2
Total	74	100,0

Você se incomodou com alguma coisa que lhe lembrou o evento?

	N	%
Nenhuma vez	11	14,9
Uma vez	22	29,7
2 a 3 vezes	16	21,6
4 a 6 vezes	12	16,2
Diariamente	13	17,6
Total	74	100,0

Você experimenta sintomas físicos quando algo lhe lembra o evento? (Suor, tremores, palpitações, falta de ar, náusea, diarreia).

	N	%
Nenhuma vez	35	47,3
Uma vez	14	18,9
2 a 3 vezes	9	12,2
4 a 6 vezes	7	9,5
Diariamente	9	12,2
Total	74	100,0

Você tem evitado qualquer pensamento ou sentimento sobre o evento?

	N	%
Nenhuma vez	14	18,9
Uma vez	11	14,9
2 a 3 vezes	9	12,2
4 a 6 vezes	5	6,8
Diariamente	35	47,3
Total	74	100,0

Você tem evitado fazer coisas ou entrar em situações que lhe lembre o evento?

	N	%
Nenhuma vez	21	28,4
Uma vez	13	17,6
2 a 3 vezes	6	8,1
4 a 6 vezes	4	5,4
Diariamente	30	40,5
Total	74	100,0

Você tem se sentido incapaz de lembrar partes importantes do evento?

	N	%
Nenhuma vez	41	55,4
Uma vez	8	10,8
2 a 3 vezes	12	16,2
4 a 6 vezes	6	8,1
Diariamente	7	9,5
Total	74	100,0

Você vem tendo dificuldades para se sentir satisfeito com as coisas da sua vida?

	N	%
Nenhuma vez	34	46,6
Uma vez	7	9,6
2 a 3 vezes	12	16,4
4 a 6 vezes	5	6,8
Diariamente	15	20,5
Total	74	100,0

Você tem se sentido distante ou desligado das pessoas?

	N	%
Nenhuma vez	30	40,5
Uma vez	7	9,5
2 a 3 vezes	8	10,8
4 a 6 vezes	7	9,5
Diariamente	22	29,7
Total	74	100,0

Você tem se achado incapaz de se sentir triste ou amoroso com as pessoas?

	N	%
Nenhuma vez	30	40,5
Uma vez	10	13,5
2 a 3 vezes	12	16,3
4 a 6 vezes	8	10,8
Diariamente	14	18,9
Total	74	100,0

Você vem tendo dificuldade em pensar no seu futuro e em planejar objetivos para a sua vida?

	N	%
Nenhuma vez	32	43,8
Uma vez	11	15,1
2 a 3 vezes	11	15,1
4 a 6 vezes	3	4,1
Diariamente	16	21,9
Total	74	100,0

Você vem tendo dificuldades para pegar no sono ou para continuar dormindo?

	N	%
Nenhuma vez	30	40,5
Uma vez	11	14,9
2 a 3 vezes	9	12,1
4 a 6 vezes	5	6,8
Diariamente	19	25,7
Total	74	100,0

Você tem estado mais irritado ou com crises de raiva?

	N	%
Nenhuma vez	19	25,7
Uma vez	11	14,9
2 a 3 vezes	16	21,6
4 a 6 vezes	7	9,5
Diariamente	21	28,3
Total	74	100,0

Você vem tendo dificuldade para se concentrar?

	N	%
Nenhuma vez	24	32,4
Uma vez	11	14,9
2 a 3 vezes	14	18,9
4 a 6 vezes	7	9,5
Diariamente	18	24,3
Total	74	100,0

Você tem se sentido como se estivesse "no limite" ou facilmente distraído ou com a sensação de ter que ficar em guarda?

	N	%
Nenhuma vez	20	27

Uma vez	8	10,8
2 a 3 vezes	15	20,3
4 a 6 vezes	16	21,6
Diariamente	15	20,3
Total	74	100,0

Você tem se sentido sobressaltado ou se assustando com facilidade?

	N	%
Nenhuma vez	26	35,1
Uma vez	13	17,6
2 a 3 vezes	13	17,6
4 a 6 vezes	9	12,1
Diariamente	13	17,6
Total	74	100,0

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 5 – Escala de Trauma de Davidson – Gravidade, Borda da Mata, 2020.

Você teve imagens, memórias ou pensamentos dolorosos sobre o evento?

	N	%
Não perturbou	12	16,2
Perturbação mínima	17	23
Perturbação moderada	21	28,4
Perturbou muito	20	27
Perturbou extremamente	4	5,4
Total	74	100,0

Você teve sonhos perturbadores sobre o evento?

	N	%
Não perturbou	31	41,9
Perturbação mínima	13	17,6
Perturbação moderada	9	12,2
Perturbou muito	8	10,8
Perturbou extremamente	13	17,6
Total	74	100,0

Você sentiu como se o evento estivesse ocorrendo de novo? Como se você o estivesse revivendo?

	N	%
Não perturbou	24	32,4
Perturbação mínima	9	12,2
Perturbação moderada	13	17,6
Perturbou muito	20	27
Perturbou extremamente	8	10,8
Total	74	100,0

Você se incomodou com alguma coisa que lhe lembrou o evento?

	N	%
Não perturbou	10	13,5
Perturbação mínima	17	23
Perturbação moderada	18	24,3
Perturbou muito	17	23

Perturbou extremamente

12 16,2

Total 74 100,0

Você experimenta sintomas físicos quando algo lhe relembra o evento? (Suor, tremores, palpitações, falta de ar, náusea, diarreia)

	N	%
Não perturbou	34	46
Perturbação mínima	10	13,5
Perturbação moderada	8	10,8
Perturbou muito	12	16,2
Perturbou extremamente	10	13,5
Total	74	100,0

Você tem evitado qualquer pensamento ou sentimento sobre o evento?

	N	%
Não perturbou	17	23
Perturbação mínima	17	23
Perturbação moderada	20	27
Perturbou muito	10	13,5
Perturbou extremamente	10	13,5
Total	74	100,0

Você tem evitado fazer coisas ou entrar em situações que lhe relembre o evento?

	N	%
Não perturbou	19	25,7
Perturbação mínima	18	24,3
Perturbação moderada	21	28,4
Perturbou muito	8	10,8
Perturbou extremamente	8	10,8
Total	74	100,0

Você tem se sentido incapaz de lembrar partes importantes do evento?

	N	%
Não perturbou	34	45,8
Perturbação mínima	11	14,9
Perturbação moderada	13	17,6
Perturbou muito	11	14,9
Perturbou extremamente	5	6,8
Total	74	100,0

Você vem tendo dificuldades para se sentir satisfeito com as coisas da sua vida?

	N	%
Não perturbou	34	45,9
Perturbação mínima	7	9,5
Perturbação moderada	12	16,2
Perturbou muito	13	17,6
Perturbou extremamente	8	10,8
Total	74	100,0

Você tem se sentido distante ou desligado das pessoas?

	N	%
Não perturbou	31	41,9

Perturbação mínima	10	13,5
Perturbação moderada	10	13,5
Perturbou muito	12	16,2
Perturbou extremamente	11	14,9

Total 74 100,0

Você tem se achado incapaz de se sentir triste ou amoroso com as pessoas?

	N	%
Não perturbou	30	40,5
Perturbação mínima	10	13,5
Perturbação moderada	17	23
Perturbou muito	13	17,6
Perturbou extremamente	4	5,4

Total 74 100,0

Você vem tendo dificuldade em pensar no seu futuro e em planejar objetivos para a sua vida?

	N	%
Não perturbou	31	41,9
Perturbação mínima	12	16,2
Perturbação moderada	10	13,5
Perturbou muito	12	16,2
Perturbou extremamente	9	12,2

Total 74 100,0

Você vem tendo dificuldades para pegar no sono ou para continuar dormindo?

	N	%
Não perturbou	30	40,5
Perturbação mínima	13	17,6
Perturbação moderada	11	14,9
Perturbou muito	8	10,8
Perturbou extremamente	12	16,2

Total 74 100,0

Você tem estado mais irritado ou com crises de raiva?

	N	%
Não perturbou	22	29,7
Perturbação mínima	9	12,2
Perturbação moderada	16	21,6
Perturbou muito	10	13,5
Perturbou extremamente	17	23

Total 74 100,0

Você vem tendo dificuldade para se concentrar?

	N	%
Não perturbou	25	33,8
Perturbação mínima	14	18,9
Perturbação moderada	19	25,6
Perturbou muito	7	9,5
Perturbou extremamente	9	12,2

Total 74 100,0

Você vem tendo dificuldade para se concentrar?

	N	%
Não perturbou	25	33,8

Perturbação mínima	14	18,9
Perturbação moderada	19	25,6
Perturbou muito	7	9,5
Perturbou extremamente	9	12,2

Total 74 100,0

Você tem se sentido como se estivesse "no limite" ou facilmente distraído ou com a sensação de ter que ficar em guarda?

	N	%
Não perturbou	21	28,4
Perturbação mínima	11	14,9
Perturbação moderada	17	23
Perturbou muito	13	17,5
Perturbou extremamente	12	16,2

Total 74 100,0

Você tem se sentido sobressaltado ou se assustando com facilidade?

	N	%
Não perturbou	25	33,8
Perturbação mínima	10	13,5
Perturbação moderada	19	25,6
Perturbou muito	9	12,2
Perturbou extremamente	11	14,9

Total 74 100,0

Fonte: Dados da pesquisa

Discussão

A violência de gênero é aquela exercida pelos homens contra as mulheres, em que o gênero do agressor e o da vítima estão intimamente unidos à explicação desta violência. Dessa forma, afeta as mulheres pelo simples fato de serem deste sexo, ou seja, é a violência perpetrada pelos homens mantendo o controle e o domínio sobre as mulheres (CASIQUE et al., 2006).

Dentre as mulheres que participaram da pesquisa, a grande maioria foi de etnia branca (69,7%) o que pode se dar devido a ancestralidade europeia alta na região sudeste do país (DA SILVA, 2011).

Na pesquisa, o maior percentual de mulheres relatou possuir o ensino médio completo, o que confronta estudos anteriores que associavam a violência doméstica ao menor grau de instrução.

Segundo Porto (2007), a violência não está vinculada exclusivamente à lógica da pobreza ou desigualdade social e cultural; está ligada também ao preconceito, à discriminação e ao abuso de poder que possui o agressor com relação à sua vítima. A mulher, em razão de suas especialidades, compleição física, idade e acoplamento econômico, estão numa circunstância de vulnerabilidade na inclusão social.

Segundo estudos de Day (2003) tais violências não chegaram ao conhecimento da sociedade

brasileira, nos distintos contextos históricos, sociais e culturais, porque teve pouca visibilidade pública, permanecendo limitada aos espaços domésticos, precisamente pelas relações de dominação-subordinação entre homens e mulheres.

Com a prevalência de mulheres solteiras (64,2%), o estado civil das mulheres pode estar relacionado à relação da vítima com o agressor durante a agressão, sendo que a maioria relatou ser ex-maridos/ex-namorados (n=32) seguidos por marido/namorado (n=17). Isto nos leva a crer que o estado civil “solteira” pode ter sido uma consequência da agressão.

A maioria das mulheres questionadas relatou trabalhar fora (71,7%), o que quebra o estigma da violência doméstica acontecer majoritariamente com as mulheres do lar.

Segundo os resultados, 42,9% dessas mulheres afirmam ter filhos, com apenas um caso de agressão por parte de filhos, no entanto, caracterizando um tipo de violência intrafamiliar. Segundo Cacique (2006) a violência intrafamiliar é uma forma de violência a que muitas mulheres estão submetidas, tendo origem entre os membros da família, independentemente se o agressor esteja ou não compartilhando o mesmo domicílio.

A presença de hábitos viciados como tabagismo, etilismo e o uso de narcóticos entre as mulheres não parece ter relação com os índices de violência doméstica, já que 76,6% dessas mulheres afirmaram não possuir nenhum tipo de hábito.

Como citado anteriormente, a maioria das mulheres que sofreram algum tipo de agressão foram agredidas por seus parceiros, um reflexo da relação de dominância imposta pelo sexo masculino sobre a mulher, do sentimento de posse e da figura feminina frágil construída social-historicamente. Segundo Cacique (2006) esse tipo de agressão ocorre através da rejeição de carinho, ameaças de espancamento à mulher e seus filhos, impedimentos à mulher de trabalhar, ter amigas ou sair; o parceiro lhe conta suas aventuras amorosas e, ao mesmo tempo, a acusa de ter amantes.

Dessa forma os papéis foram sendo culturalmente estabelecidos, transmitindo ao homem a força, o poder, a ascendência e à mulher restou a subjugação, a dependência, a carga e o confinamento, expressões estas que explicam formas de agressão suportadas pelas mulheres. Em muitas sociedades, a agressão foi quase consecutivamente empregada como atitude de resolução de conflitos, tendo também função educativa (a violência como feito de castigar para educar) (VIDEIRA, 2018).

Para Oliveira (2012) a violência precisa ser percebida como algum ato ou comportamento, abalizado no gênero, que cause morte, perda ou consternação física, sexual ou psicológica à

mulher, tanto no setor público como no particular. Necessita acontecer dentro da família ou integração doméstica ou em alguma outra afinidade interpessoal, em que o agressor conviva ou haja convivido no mesmo teto que a mulher e que abrange, entre outros, abuso, transgressão, maus-tratos e violência sexual.

Sobre o tipo de violência sofrida, a maioria das mulheres relataram ter sofrido violência psicológica (n=55) sendo muitas vezes pressionadas a fazer o que o homem quer e, quando não se permitem subordinar a este, o homem usa da força para a violência física (n=48). Chama a atenção o alto número de casos de violência moral (n=32), diretamente relacionada a violência psicológica.

A respeito da violência psicológica, Videira (2018) afirma que a violência psicológica é aquela que não consente marcas físicas, é que arrasa, que domina outro ser humano, que intimida e que apavora. Este tipo de violência perturba e inibe a percepção das mulheres, atenuando a estima e a competência de autonomia, uma vez que fragiliza a idoneidade de reação da vítima à circunstância da violência.

Questionadas também sobre a denúncia do agressor, a grande maioria afirmou não ter denunciado (77%); em considerações de Velozo e Silva (2019) a vítima geralmente está emocionalmente envolvida com o agressor e a escolha pela denúncia ou a omissão da mesma está diretamente relacionada a isto.

Quando questionadas sobre possíveis motivos pela omissão da denúncia, o maior índice está relacionado ao medo (n=44), indicando o receio das vítimas em relação a possíveis consequências dessa denúncia, sejam elas para si mesmas ou para o agressor, com quem geralmente está ligada afetivamente.

Segundo os resultados da Escala de Bem-Estar Psicológico (EBEP), que abordou todas as 240 mulheres, a maioria apresentou resultados positivos, o que vai de encontro aos estudos de Fuller (2007) que relacionam este fator com os últimos anos em que as mulheres vêm ganhando seu espaço e liberdade para transformar todo o contexto da história da humanidade. Inicia-se pelo nível educacional, a redução do tamanho da estrutura familiar e o planejamento devido às necessidades financeiras que contribuem com o orçamento domiciliar e faz da mulher um ser importante em seu desenvolvimento social.

A Escala de Trauma de Davidson foi aplicada apenas às 74 mulheres que relataram ter sofrido algum tipo de agressão e essa nova amostragem mostrou resultados confrontantes à prevalência de resultados positivos da escala anterior.

Quando questionadas se tiveram imagens, memórias ou pensamentos dolorosos sobre o

evento, a maioria relatou ter passado por isso ao menos uma vez (86,5%) relatando também que essas memórias causaram perturbações moderadas, muita perturbação ou extremas perturbações (56,8%).

O incômodo em relembrar o evento prevaleceu entre as mulheres questionadas; 85,1 % mostraram ter sentido incômodo ao menos uma vez, assim como a perturbação causada pelo mesmo. 24,3% relataram uma perturbação moderada, 23% muita perturbação e 16,2% uma extrema perturbação.

Como método de fuga, a maioria dessas mulheres demonstram buscar meios para evitar ter qualquer pensamento ou sentimento em relação ao evento e 47,3% dessas mulheres relataram fazer isso diariamente. 40,5% relataram evitar fazer qualquer coisa ou entrar em situações que relembram o evento diariamente, o que realça ainda mais o impacto do trauma nessas mulheres.

Outro aspecto abordado foi o da presença de maior irritabilidade ou crises de raiva nessas mulheres, onde 74,3% relataram ter sentido irritabilidade ao menos uma vez.

Contudo, nos questionamentos menos relacionados ao impacto da agressão propriamente dito, as mulheres apresentaram resultados mais amenos, demonstrando se sentirem bem individualmente na maioria das vezes.

O fato dos resultados que demonstraram maior incômodo ou perturbação nessas mulheres estarem diretamente relacionados à agressão mostra o impacto da mesma sob o psicológico/emocional dessas mulheres, resultados estes que vão de acordo com Moraes (2009), o qual relaciona diretamente o surgimento de doenças psicológicas em razão do trauma causado pela violência doméstica.

Conclusão

Conclui-se que a violência contra a mulher tem um imensurável impacto na vida dessas mulheres, afetando diretamente e muitas vezes, diariamente, o seu cotidiano.

A construção social-histórica que diferencia os gêneros e hierarquiza a relação entre homens e mulheres contribui intimamente à grande frequência de casos de violência contra a mulher, tornando então, cada vez mais necessário que esses dogmas sociais sejam extintos. Por ser um problema acentuado e presente em toda a sociedade, precisam ser discutidos todos os subsídios teóricos e práticos necessários às fundamentações jurídicas, sociais, econômicas e educacionais.

Considera-se que todo o contexto da violência contra mulher precisa ser revisto pela competência, não somente judiciária, mas com promoção e

campanhas do bem-estar da família, acompanhamento psicológico das vítimas e maior participação dos órgãos públicos na promoção de reflexões sobre esse tema, buscando através de ajuda e parceria de mais profissionais especializados, como os profissionais enfermeiros, médicos e psicólogos para atender toda essa demanda.

O presente trabalho, mesmo que realizado com uma amostragem de apenas 240 mulheres, apresenta resultados expressivos e que necessitam reflexão.

Referências Bibliográficas

CASIQUE CASIQUE, Leticia; FUREGATO, Antonia Regina Ferreira. Violência contra mulheres: reflexões teóricas. Revista Latino-Americana de Enfermagem, 2006, 14.6: 950-956.

DA SILVA, Maria Clara F et al. "Extensive admixture in Brazilian sickle cell patients: implications for the mapping of genetic modifiers." Blood vol. 118,16 (2011): 4493-5; author reply 4495. doi:10.1182/blood-2011-06-361915.

DAVIDSON, Jonathan RT. Davidson trauma scale (DTS).

DAY, Vivian Peres, et al. Violência doméstica e suas diferentes manifestações. Revista de psiquiatria do Rio Grande do Sul, 2003, 25: 9-21.

FERREIRA, J. A.; SIMÕES, A. Escalas de bem-estar psicológico (EBEP). Testes e provas psicológicas em Portugal, v. 2, p. 111-121, 1999.

FULLER, Paulo Henrique Aranda. Aspectos da Lei da Violência Doméstica ou Familiar contra a mulher Lei (11.340/2006) Boletim IBCCRIN, N.171, 2007.

LUCENA, Kerle Dayana Tavares de et al. Análise espacial da violência doméstica contra a mulher entre os anos de 2002 e 2005 em João Pessoa, Paraíba, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 28, p. 1111-1121, 2012.

MORAIS, Ariane Cedraz. Depressão em mulheres vítimas de violência doméstica. 2009.

PORTO, Pedro Rui da Fontoura. Violência doméstica e familiar contra a mulher: Lei 11.340/06: análise crítica e sistêmica. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2007.

OLIVEIRA, Elisa Rezende. Violência Doméstica e familiar contra a mulher: um cenário de subjugação do gênero feminino. Revista do Laboratório de Estudos da Violência da UNESP / Marília, 2012.



VELOSO, Adriano Arruda; SILVA, Andreia Ramos. A constante violência contra a mulher na sociedade brasileira. 2019.

VIDEIRA, Lina Sue Matsumoto. Eficácia da Terapia Focada na Compaixão em grupo no transtorno de estresse pós-traumático. 2018. PhD Thesis. Universidade de São Paulo.

ZALUAR, Alba. Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização. São Paulo em perspectiva. v. 13,1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v13n3/v13n3a01.pdf>>. Acesso em: 18 nov.2020.